ISSN: 2358-8829

UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO SER FEMININO ENTRE VOZES E VERSOS

Itassara Albuquerque da Silva [1]
Mônica Assunção Mourão [2]

INTRODUÇÃO

A motivação para a escolha deste objeto de pesquisa fundamenta-se na experiência e no compromisso social de um projeto de extensão desenvolvido pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Ao aproximar a universidade da realidade social do município de Imperatriz–MA, a prática extensionista possibilitou o contato com as trajetórias, os silenciamentos, as dificuldades e as potencialidades de mulheres em situação de vulnerabilidade social e em processo de reabilitação da dependência química. Essa experiência despertou o interesse em investigar as relações entre literatura, subjetividade e construção social da identidade feminina, considerando a poesia como uma possibilidade de mediação para a escuta, o diálogo e a expressão de experiências. Nesse contexto, o objeto de estudo consiste na análise da construção social do ser feminino a partir da recepção e das interpretações de um corpus poético composto pelas obras *Retrato*, de Cecília Meireles; *Vozes-Mulheres*, de Conceição Evaristo; *Com licença poética*, de Adélia Prado; e *Assim Eu Vejo a Vida*, de Cora Coralina.

O tema central da pesquisa, intitulado "*A construção social do ser feminino entre vozes e versos",* consiste em investigar como os textos poéticos selecionados possibilitam discussões sobre identidade, memória, pertencimento, papéis de gênero e experiências de mulheres em processo de reabilitação. A proposta considera a leitura literária não apenas como uma atividade de apreciação estética, mas também como uma prática que favorece a produção de sentidos a partir das experiências individuais e coletivas. O recorte da investigação concentra-se nas interpretações, manifestações

[1] Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa e literaturas da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - MA, itassara.silva@uemasul.edu.br;
[2] Doutora em Linguística e Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPFLLIT/UFNT), docente da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), atuando como docente nos cursos de graduação em Letras e Pedagogia, bem como no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLe/UEMASUL). E-mail: monicamourao@uemasul.edu.br

ISSN: 2358-8829

orais, diálogos e produções das participantes durante as atividades realizadas no espaço terapêutico Renascer Feminino, em Imperatriz–MA. Desse modo, busca-se estabelecer uma relação entre as temáticas presentes nos poemas e as experiências compartilhadas pelas mulheres, considerando as dimensões sociais, culturais e simbólicas que atravessam a construção da identidade feminina.

O problema de investigação que orienta este estudo é formulado a partir da seguinte questão: de que maneira os poemas selecionados articulam, refletem e problematizam a construção social do ser feminino nas experiências de mulheres em processo de reabilitação no espaço Renascer Feminino, em Imperatriz–MA? Como hipótese, considera-se que o contato com os textos poéticos, associado à leitura compartilhada e às rodas de conversa, possibilita às participantes estabelecer relações entre as representações do feminino presentes nas obras e suas próprias experiências. Nesse processo, os poemas podem favorecer reflexões sobre os papéis socialmente atribuídos às mulheres, os processos de silenciamento, as desigualdades e os estigmas que atravessam suas trajetórias, além de possibilitar diferentes formas de reconhecimento e expressão de suas subjetividades.

No que se refere aos objetivos, a pesquisa tem como objetivo geral investigar de que maneira a leitura e a discussão de poemas, desenvolvidas por meio de encontros e atividades literárias no espaço Renascer Feminino, contribuem para a reflexão sobre a construção e o reconhecimento da identidade feminina entre mulheres em processo de reabilitação. Como objetivos específicos, pretende-se: analisar as interpretações, manifestações orais e produções das participantes a partir do contato com os poemas selecionados; discutir as representações sociais do feminino presentes nas obras, considerando as relações de gênero e os contextos de vulnerabilidade que atravessam as experiências das mulheres; e descrever as vivências desenvolvidas durante as atividades literárias, identificando as relações estabelecidas entre os textos poéticos e as narrativas compartilhadas pelas participantes.

A relevância acadêmica desta investigação reside na articulação entre os estudos literários, as discussões de gênero e a realidade social de mulheres em situação de vulnerabilidade. Ao aproximar um corpus poético de autoria feminina das experiências das participantes, o estudo amplia as possibilidades de reflexão sobre a literatura enquanto produção cultural que dialoga com questões sociais, históricas e subjetivas. No âmbito social, a pesquisa destaca a importância de espaços de leitura e diálogo que

ISSN: 2358-8829

reconheçam as mulheres para além dos estigmas associados à dependência química, considerando suas histórias, experiências, saberes e múltiplas dimensões identitárias. Assim, a investigação valoriza a escuta e a expressão das participantes, compreendendo-as como sujeitos que produzem interpretações e atribuem sentidos às obras a partir de suas próprias vivências.

Por fim, investigar a construção social do ser feminino entre vozes e versos representa mais do que analisar textos literários em um contexto específico: significa aproximar a produção acadêmica das experiências sociais que frequentemente permanecem à margem dos espaços de reconhecimento. A experiência extensionista que deu origem a esta pesquisa evidencia a importância do diálogo entre universidade e comunidade, bem como a possibilidade de inserir a literatura em contextos que ultrapassam os ambientes convencionais de ensino e estudo. Nesse sentido, a poesia constitui um espaço de encontro entre diferentes experiências, no qual as palavras podem suscitar reflexões, favorecer a expressão de subjetividades e ampliar as possibilidades de reconhecimento das vozes femininas

METODOLOGIA

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, desenvolvida no espaço terapêutico Renascer Feminino, localizado em Imperatriz–MA. A escolha dessa abordagem fundamenta-se na possibilidade de compreender as experiências, interpretações e manifestações das participantes em seu contexto social, considerando os significados atribuídos às suas vivências. Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa ocupa-se de dimensões da realidade que não podem ser reduzidas à mensuração numérica, abrangendo significados, valores, crenças e relações sociais. Nessa perspectiva, o estudo buscou analisar as relações entre literatura, subjetividade e construção social da identidade feminina a partir das experiências de mulheres em processo de reabilitação da dependência química.

O espaço investigado possui caráter religioso e desenvolve uma rotina organizada por atividades cotidianas, incluindo momentos de alimentação, como café da manhã, almoço e jantar, além de práticas de leitura bíblica, oração e louvor. O período previsto de permanência das mulheres na instituição era de aproximadamente seis meses, ao término do qual concluíam o acompanhamento oferecido pelo espaço, voltado à

reabilitação e à reintegração social. O público atendido apresentava caráter rotativo, reunindo aproximadamente vinte mulheres ao longo do período de realização da pesquisa. A permanência na instituição não era compulsória, sendo respeitada a liberdade individual de cada participante quanto à continuidade de sua estadia e à participação nas atividades propostas.

As atividades da pesquisa foram desenvolvidas por meio de encontros quinzenais, organizados em rodas de conversa mediadas pela leitura e discussão de quatro poemas de autoria feminina: *Retrato*, de Cecília Meireles; *Vozes-Mulheres*, de Conceição Evaristo; *Com licença poética*, de Adélia Prado; e *Assim Eu Vejo a Vida*, de Cora Coralina. A seleção das obras considerou suas possibilidades de abordagem de questões relacionadas à identidade, à memória, às experiências femininas, aos papéis sociais atribuídos às mulheres e aos processos de silenciamento. Durante os encontros, a leitura dos textos foi articulada a discussões coletivas, buscando estabelecer relações entre as temáticas poéticas e as experiências compartilhadas pelas participantes. Para auxiliar na realização das atividades, foram utilizados microfone e caixa de som, favorecendo a leitura em voz alta e a participação nos momentos coletivos.

Como parte do apoio institucional às ações extensionistas, a Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) disponibilizou às participantes um kit composto por garrafa, caderneta, caneta, lápis e apontador. A distribuição desses materiais ocorreu como incentivo e suporte ao desenvolvimento do projeto, integrando os recursos disponibilizados durante os encontros realizados na instituição.

A produção dos dados ocorreu por meio da observação das atividades, dos diálogos estabelecidos nas rodas de conversa e da aplicação de questionários, respondidos por onze mulheres. Considerando a rotatividade do público atendido, esse quantitativo corresponde às participantes que efetivamente responderam ao instrumento, não abrangendo necessariamente todas as mulheres que frequentaram a instituição durante o período da pesquisa. A análise do material produzido considerou as interpretações dos poemas, as manifestações orais e as respostas aos questionários, buscando identificar aproximações entre as temáticas literárias e as experiências das participantes. O tratamento das informações seguiu uma perspectiva qualitativa e interpretativa, em consonância com os objetivos da investigação e com a compreensão

ISSN: 2358-8829

de que os sentidos atribuídos aos textos também são construídos a partir das experiências sociais e individuais dos leitores.

No que se refere aos aspectos éticos, foram considerados o respeito à privacidade, o sigilo das informações pessoais e a liberdade de participação das mulheres nas atividades e nos procedimentos de produção dos dados. As informações relativas ao consentimento livre e esclarecido, à autorização para utilização de registros e imagens e à eventual submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa devem ser apresentadas de acordo com os procedimentos efetivamente realizados durante o desenvolvimento do estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao considerar as experiências de mulheres em situação de vulnerabilidade, torna-se fundamental compreender o acolhimento como uma prática pautada no respeito à autonomia e no reconhecimento de suas subjetividades, evitando abordagens que as coloquem em uma posição de passividade ou dependência. Nessa perspectiva, Ribeiro (2017), ao discutir o lugar de fala, contribui para a reflexão sobre as relações de poder que condicionam a legitimidade de determinadas vozes nos espaços sociais. A autora permite problematizar a diferença entre falar por essas mulheres e construir espaços nos quais elas possam expressar suas próprias experiências e ser reconhecidas como sujeitos de suas narrativas. No contexto desta pesquisa, essa compreensão orienta o uso da literatura e das rodas de conversa como possibilidades de escuta e diálogo, nas quais as participantes não são tratadas apenas como objeto de investigação, mas como mulheres cujas histórias, percepções e interpretações possuem relevância. Desse modo, a proposta não consiste em atribuir voz a quem já a possui, mas em valorizar suas manifestações e contribuir para que suas experiências sejam ouvidas sem que sua identidade seja reduzida aos estigmas sociais que as atravessam.

A construção social do feminino, por sua vez, está relacionada aos valores, às representações e às expectativas historicamente atribuídas às mulheres. Nessa discussão, Simone de Beauvoir (2019), em *O segundo sexo*, problematiza a constituição social da condição feminina, contribuindo para compreender que as identidades das mulheres não podem ser reduzidas a determinações naturais, mas devem ser analisadas considerando os contextos históricos e culturais em que são construídas.

ISSN: 2358-8829

A condição da mulher na sociedade é atravessada por construções históricas e culturais que influenciam a maneira como sua identidade é constituída, percebida e reconhecida socialmente. Quando essa mulher se encontra em situação de vulnerabilidade social e faz uso de substâncias psicoativas, tais condições podem ser agravadas por julgamentos morais que a distanciam das expectativas socialmente estabelecidas para o feminino. Nesse cenário, o estigma não apenas contribui para a marginalização dessas mulheres, mas também pode restringir suas possibilidades de expressão, levando ao silenciamento de suas experiências, dores e subjetividades. Compreender esse processo torna-se fundamental para investigar como essas mulheres são representadas socialmente e de que maneira suas vozes podem encontrar espaços de acolhimento, reconhecimento e reconstrução identitária. É nessa perspectiva que a literatura se apresenta como uma possibilidade de escuta e expressão, capaz de favorecer o reconhecimento dessas mulheres para além dos estigmas que lhes são atribuídos, valorizando sua humanidade, suas trajetórias e suas múltiplas formas de existir.

A análise das identidades dessas mulheres, a partir de suas subjetividades e experiências individuais, possibilitou compreender dimensões de suas existências que ultrapassam os estigmas socialmente construídos. Por meio da leitura literária e das rodas de conversa, suas falas revelaram mulheres que não se limitam à condição de marginalização que lhes é atribuída, mas que possuem histórias, sentimentos, desejos, contradições e perspectivas próprias. Nesse sentido, tornou-se possível reconhecer a mulher para além dos rótulos que a sociedade lhe impõe, compreendendo-a em sua humanidade e complexidade, como sujeito que constrói e reconstrói sua identidade nas relações sociais. Assim, a experiência evidenciou a importância de romper com representações reducionistas do feminino, valorizando as vozes dessas mulheres e reconhecendo seu lugar como sujeitos reais, cuja existência não pode ser definida exclusivamente pelas vulnerabilidades que atravessam suas trajetórias.

A invisibilidade institucional constitui outra dimensão do silenciamento vivenciado por mulheres em situação de vulnerabilidade, sobretudo quando suas experiências são interpretadas a partir dos estigmas associados ao uso de substâncias psicoativas. Nessa perspectiva, Spivak (2010), em *Pode o subalterno falar?*, problematiza as estruturas de poder que condicionam a possibilidade de expressão e reconhecimento dos sujeitos historicamente marginalizados. Essa reflexão permite

ISSN: 2358-8829

compreender que o silenciamento dessas mulheres não decorre necessariamente da ausência de voz, mas da existência de mecanismos sociais e institucionais que deslegitimam suas experiências e restringem sua participação como sujeitos de direitos. Quando suas narrativas são reduzidas à condição de dependência, ou quando seus relatos de sofrimento e violência são desacreditados, suas identidades são obscurecidas pelos estigmas que lhes são atribuídos. Nesse contexto, torna-se fundamental criar espaços de escuta e expressão que reconheçam suas subjetividades e permitam compreender essas mulheres para além das condições de vulnerabilidade que atravessam suas trajetórias.

A indagação provocada por Gayatri Spivak (2010), "Pode o subalterno falar?", ganha contornos de urgência quando analisamos a realidade das mulheres marginalizadas usuárias de entorpecentes químicos. Se a mulher, por si só, já enfrenta o silenciamento histórico imposto pelas estruturas do patriarcado, aquela que habita as margens sociais e vivencia a dependência química sofre uma violência epistêmica ainda mais severa. Nessa sobreposição de vulnerabilidades, sua voz é deslegitimada pelo marcador de gênero, criminalizada pela marginalidade e patologizada pelo uso da substância. Ela se torna a expressão máxima da subalterna: um sujeito cujas dores, traumas e demandas são completamente obliterados por um sistema que prefere puni-la ou silenciá-la a escutá-la como cidadã e interlocutora legítima.

A literatura constitui uma importante forma de expressão das experiências humanas, possibilitando reflexões sobre a sociedade, a identidade e as relações estabelecidas entre os sujeitos. Nesse sentido, Candido (2011) compreende a literatura como um direito humano, considerando sua relevância para a formação e a humanização dos indivíduos. Essa perspectiva permite pensar a leitura literária como uma prática que ultrapassa a dimensão estética, favorecendo o contato com diferentes experiências, sentimentos e realidades sociais.

Nesse contexto, as mulheres em situação de vulnerabilidade social encontram na literatura não apenas a possibilidade de acessar um direito humano, mas também um caminho para o resgate de suas identidades, frequentemente fragilizadas por processos de exclusão e desumanização. A negação desse direito, seja pela ausência de oportunidades de acesso à leitura, seja pelo silenciamento de suas vozes e experiências, evidencia como determinados grupos sociais são privados não somente de bens materiais, mas também de espaços de expressão, reconhecimento e pertencimento.

ISSN: 2358-8829

Assim, a leitura literária pode constituir um meio de reconstrução das subjetividades, permitindo que essas mulheres reconheçam suas próprias histórias nas narrativas, atribuam novos sentidos às suas vivências e reafirmem sua condição de sujeitos de direitos. Ao entrarem em contato com diferentes representações do feminino e compartilharem suas próprias vivências, tiveram a oportunidade de questionar as expectativas sociais historicamente impostas às mulheres e reconhecer outras possibilidades de existência. Desse modo, a literatura constituiu um espaço de escuta, identificação e valorização de suas subjetividades, favorecendo o reconhecimento de si para além dos estigmas sociais que atravessam suas histórias.

Nesse sentido, a produção literária de mulheres assume relevância ao possibilitar a representação de experiências, memórias e perspectivas frequentemente marginalizadas. Conceição Evaristo (2005), ao discutir a escrevivência, articula escrita, memória e experiência social, oferecendo contribuições para compreender as relações entre literatura, subjetividade e identidade feminina. Embora a escrevivência esteja vinculada à experiência de mulheres negras e às marcas históricas e sociais que atravessam suas trajetórias, essa perspectiva também permite refletir sobre a importância de reconhecer vozes historicamente silenciadas. No contexto desta pesquisa, essa discussão contribui para compreender como o contato com a literatura e o compartilhamento de experiências nas rodas de conversa possibilitaram às mulheres participantes expressar suas vivências, reconhecer aspectos de suas próprias histórias e revelar dimensões de suas identidades que ultrapassam os estigmas associados à vulnerabilidade e à dependência de substâncias psicoativas. Desse modo, suas narrativas evidenciam que, para além das condições de marginalização, existem sujeitos constituídos por sentimentos, memórias, desejos e possibilidades de reconstrução de suas trajetórias.

O desenvolvimento de atividades coletivas com mulheres em processo de reabilitação exige atenção às diferentes formas de participação, às experiências individuais e aos limites de cada participante. A expressão de sentimentos e vivências não deve ser compreendida como uma obrigação, mas como uma possibilidade construída em um ambiente de respeito e acolhimento. Desse modo, a mediação literária pode favorecer o reconhecimento da pluralidade das experiências femininas, sem reduzir as participantes às suas trajetórias de sofrimento ou dependência química. Sob essa ótica, o espaço terapêutico subverte a lógica da tutela assistencialista. Em

consonância com as discussões de Djamila Ribeiro (2017) sobre o lugar de fala, compreende-se que o papel da mediação não é o de "dar voz" às participantes, pois essas mulheres já possuem suas próprias vozes. O desafio ético e clínico reside em construir espaços em que elas sejam ouvidas em igualdade de condições, garantindo que o esforço da pesquisa seja o de falar *com* elas, e não *por* elas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A utilização dos poemas nas rodas de conversa permitiu trabalhar a literatura para além de sua dimensão estética, explorando suas possibilidades de aproximação com as experiências humanas e sociais. A sequência das obras foi organizada de modo a favorecer reflexões sobre identidade, memória, trajetória de vida e representações do feminino, respeitando as particularidades e as formas de participação de cada mulher.

O primeiro poema trabalhado foi Retrato, de Cecília Meireles, a partir do qual foram desenvolvidas reflexões sobre a identidade e a percepção que as mulheres constroem de si mesmas. A leitura possibilitou discutir as transformações que atravessam suas trajetórias e a maneira como as experiências vividas influenciam o reconhecimento da própria identidade. Nesse contexto, a atividade buscou compreender a construção identitária para além das circunstâncias presentes, considerando as memórias, os sentimentos e as experiências que constituem cada mulher.

Em seguida, o poema Vozes-Mulheres, de Conceição Evaristo, permitiu ampliar a discussão para as vozes que atravessam a construção da identidade feminina em contextos marcados pela marginalização. A obra possibilitou refletir sobre os silenciamentos históricos, as desigualdades sociais e as relações de poder que condicionam as experiências das mulheres. No contexto da pesquisa, essa discussão mostrou-se pertinente para pensar como a hostilidade do meio social e os estigmas associados à vulnerabilidade podem reduzir essas mulheres a determinadas condições, obscurecendo suas histórias e outras dimensões de suas identidades. A leitura, portanto, favoreceu a reflexão sobre as experiências individuais em relação às estruturas sociais que influenciam a maneira como essas mulheres são percebidas e reconhecidas.

No poema Com licença poética, de Adélia Prado, a discussão teve como ponto de partida o verso “vai carregar bandeira”, seguido da afirmação “Cargo muito pesado pra mulher”. A partir dessas passagens, refletiu-se sobre os encargos atribuídos às mulheres e as expectativas sociais que historicamente definem seus papéis na sociedade

ISSN: 2358-8829

patriarcal. A metáfora de carregar uma bandeira foi relacionada ao peso de assumir responsabilidades, enfrentar exigências sociais e corresponder a padrões estabelecidos para o feminino. Nesse contexto, buscou-se compreender em que medida as participantes reconheciam essas imposições em suas próprias trajetórias e como elas atravessavam suas experiências enquanto mulheres. A atividade possibilitou, assim, problematizar o caráter social desses papéis e refletir sobre as dificuldades que emergem quando as vivências femininas são atravessadas por julgamentos, cobranças e sentimentos de vergonha, aspectos que também podem limitar a maneira como essas mulheres percebem a si mesmas e são reconhecidas socialmente.

Por fim, o poema Assim Eu Vejo a Vida, de Cora Coralina, possibilitou uma discussão sobre os sentidos atribuídos à vida e às experiências vivenciadas. Durante a atividade, a expressão relacionada a fazer-se pedra de segurança provocou uma associação que evidenciou a influência do contexto social e das vivências das participantes na interpretação literária. Em vez de compreenderem a pedra exclusivamente como símbolo de firmeza, resistência ou sustentação, as mulheres a relacionaram a um produto químico, atribuindo à expressão um sentido vinculado às experiências do contexto de dependência de substâncias psicoativas. Essa interpretação revelou como a leitura é atravessada pelas referências e pelos significados construídos ao longo da vida, demonstrando que o encontro com o texto literário não produz sentidos únicos ou universais. A manifestação das participantes tornou possível observar como suas vivências interferem na compreensão das palavras e como a mediação literária pode abrir espaço para o reconhecimento dessas experiências, sem desconsiderar as particularidades de cada trajetória.

Em conjunto, as quatro atividades permitiram organizar um percurso de reflexão que partiu da percepção de si, avançou para os silenciamentos sociais que atravessam a construção identitária, discutiu os desafios impostos às mulheres em uma sociedade patriarcal e chegou aos sentidos que as participantes atribuem às próprias experiências. Mais do que buscar interpretações previamente estabelecidas para os poemas, a proposta valorizou as relações construídas entre os textos literários e as percepções das mulheres. Nesse sentido, a experiência dialoga com Candido (2011), ao considerar a literatura um direito humano e uma possibilidade de humanização, e com Spivak (2010), ao problematizar as condições sociais que interferem no reconhecimento das vozes historicamente marginalizadas. Os resultados da experiência apontam, assim, para a

importância de compreender essas mulheres para além dos estigmas que as cercam, reconhecendo-as como sujeitos que interpretam, atribuem sentidos e constroem narrativas sobre si mesmas a partir de suas próprias experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa possibilitou refletir sobre as relações entre literatura, subjetividade e construção social da identidade feminina no contexto do espaço terapêutico Renascer Feminino, em Imperatriz–MA. Por meio da leitura de poemas e da realização de rodas de conversa, buscou-se compreender como a experiência literária poderia favorecer a expressão de vivências, a partilha de experiências e a reflexão sobre as diferentes dimensões que constituem as trajetórias de mulheres em processo de reabilitação da dependência química.

Nesse percurso, a literatura revelou-se uma possibilidade de mediação para a escuta, o diálogo e a problematização de experiências individuais e coletivas. As discussões suscitadas pelas obras de Cora Coralina, Adélia Prado e Conceição Evaristo permitiram abordar questões relacionadas à identidade, à memória, ao pertencimento, aos papéis socialmente atribuídos às mulheres e aos processos de silenciamento que atravessam suas experiências. As interpretações apresentadas pelas participantes também evidenciaram como as vivências pessoais e o contexto social influenciam a atribuição de sentidos aos textos literários. Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Antonio Candido (2011), ao compreender a literatura como um direito humano e uma dimensão fundamental da formação dos sujeitos, e de Conceição Evaristo (2005), cuja noção de escrevivência permite pensar as relações entre escrita, memória e experiência social.

Como contribuição, a pesquisa evidencia a importância de aproximar práticas de leitura literária de espaços de acolhimento e reabilitação, reconhecendo as participantes não apenas pelas condições de vulnerabilidade que atravessam suas trajetórias, mas também por suas subjetividades, experiências e possibilidades de expressão. Nesse sentido, as atividades desenvolvidas constituíram oportunidades de diálogo e reflexão sobre a condição feminina, sem desconsiderar as particularidades de cada história. Ressalta-se, entretanto, que essa contribuição não significa atribuir à literatura efeitos terapêuticos ou transformações individuais que não tenham sido comprovados pelos

dados da investigação, mas reconhecer seu potencial como prática cultural e espaço de elaboração de sentidos.

Por fim, considera-se relevante o desenvolvimento de novas pesquisas que aprofundem as relações entre literatura, gênero, vulnerabilidade social e processos de reabilitação, contemplando diferentes contextos e trajetórias. Investigações futuras poderão acompanhar como as práticas de leitura e as rodas de conversa são percebidas pelas participantes ao longo do tempo, ampliando a compreensão sobre suas possibilidades e seus limites. Dessa forma, este estudo busca contribuir para o debate acadêmico acerca da literatura como direito, prática de humanização e espaço de reconhecimento das experiências femininas, especialmente daquelas que, por diferentes circunstâncias sociais, permanecem pouco escutadas ou invisibilizadas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) e aos docentes que contribuíram para minha formação acadêmica. À orientação docente, agradeço pelo acompanhamento e pelas contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço também à equipe do espaço terapêutico Renascer Feminino pela acolhida e colaboração, bem como às mulheres participantes, cujas vozes e experiências deram sentido a este trabalho. A cada uma delas, minha gratidão pela oportunidade de construir um espaço de escuta, diálogo e reflexão por meio da literatura.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** Consulte a edição efetivamente utilizada, pois há diferentes traduções e edições brasileiras.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In: Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita.** In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

ISSN: 2358-8829

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.